

ATÉ LOGO

Rovênia Arnorim
Da equipe do **Correio**

O Natal passou e a multidão de miseráveis começa a sumir dos gramados do Plano Piloto. Em vários locais onde na semana passada se enfileiravam barracos cobertos com plástico preto, vêem-se agora restos de papelão, comida e cinzas de fogueiras. Quem ainda resiste ao relento confia em ganhar mais alguma coisa com as festas de ano-novo ou espera uma passagem do governo para voltar para a cidade de origem.

É o caso da baiana Maria de Fátima Pereira da Silva, 33 anos. "Moça, só quero ir embora. Vou ver se me dão passagem", diz a mulher, que deixa três dos cinco filhos escondidos no cerrado. Os outros dois ficaram em Irecê (BA), a 1.174 quilômetros de Brasília. Ela e as crianças foram parar na beira da pista, perto da Ponte do Bragueto, depois de 15 dias de viagem. De carona, em carroceria de caminhão.

A fama de que o brasileiro é generoso nas festas de final de ano foi o que motivou a baiana a passar, pela primeira vez, o Natal nas ruas da capital. Maria de Fátima, no entanto, não gostou. Espera mais. "Não foi tão bom quanto o povo fala lá em Irecê", desabafa. Na bagagem da volta, a mulher levará um saco de alimentos, roupas usadas e poucos brinquedos. Todas as doações ficam guardadas no cerrado, onde estão escondidas as crianças.

A mulher conta que esperava levar mais presentes para os filhos. "As pessoas que dão brinquedo querem dar na mão das crianças, para ver o sorriso delas. Mas como? Os nossos filhos precisam ficar no mato. Senão o governo leva." Maria de Fátima fala da operação da Secretaria da Criança e Assistência Social que recolheu crianças das ruas do Distrito Federal no mês de dezembro.

NÃO SAIA DO BARRACO

É esse mesmo medo de perder Thiago que faz o catador de latinhas gritar desesperadamente com o menino de três anos, toda vez que ele ameaça deixar o barraco de plástico preto. "Dizem que a gente expõe nossos filhos à mendicância, mas não é nada disso", protesta Francisco Ferreira de Souza, 47 anos. "Não tenho emprego. Se não ficar na rua, não consigo nem comida, nem brinquedos para eles", justifica o pai de 11 filhos, cinco ainda dependentes dele.

Desde quinta-feira da semana passada, Francisco, a mulher e o caçula abandonaram o barraco de madeirite em Planaltina de Goiás, para morar debaixo de uma árvore na 216 Norte. Na manhã de terça-feira, o catador de latinhas juntava em sacos o que conseguiu ganhar na semana de Natal, para levar a família de volta. Ele mesmo pretende acampar

Edson Gês



Nem mesmo a ameaça de recolhimento das crianças pelo governo consegue frear o movimento de pedintes, que vêm de vários estados

na rua até o final da semana, atrás de mais doações.

Gerlândia Barbosa, 19 anos, também pretende ficar na beira da pista até o primeiro dia do ano 2000. Esta semana, ela espera ganhar o que não conseguiu na véspera do Natal. Ela explica que a concorrência era grande no gramado. Famílias e crianças surgiam de todas as partes do Distrito Federal. "Vinha gente de Samambaia, Recanto das Emas e Ceilândia. Arrancavam coisas das mãos das crianças. Parecia até que juntavam para vender", conta a paraibana, com cara de menina e que há sete anos vagueia pelos cerrados do Plano Piloto.

"Agora o gramado está vazio. Não tem briga para ficar com as coisas que o povo vem entregar", explica Gerlândia. E o dia é de

sorte. De um Escort que pára, salta uma mulher sorridente, que entrega a ela duas sacolas grandes de plástico. São roupas e calçados para as crianças. Nem cinco minutos depois, outro carro. Outra mulher sorridente. Desta vez, um sacola de plástico pequena, cheia de salgadinhos.

PLANTÃO ATÉ 2000

"Mesmo depois do Natal, muita gente aparece. Ganham muita roupa nova e dão as velhas para nós", acredita Marília Costa Santos, 34. Ela não montou acampamento à beira da pista que dá acesso à Água Mineral. Mas de vez em quando sai do barraco no meio do cerrado e faz plantão no gramado. "A gente não está pedindo esmola. Só estamos aqui para receber o que as pessoas dão de coração."

A baiana Maria Vieira, 39 anos, ainda insiste na beira da pista. É outra migrante de Irecê que deixou a cidade rumo à capital. O Natal, para ela, foi fraco. "Ganhei quase nada", diz, desconfiada, sem vontade de conversar. No barraco ao lado, no final da Asa Norte, a conterrânea Ana Alves dos Santos, 32 anos, esquenta o naco de picanha que alguém deu a ela e o café ferve numa latinha de alumínio.

"Todo ano venho, de carona, passar o Natal aqui. E fico até conseguir a passagem de volta", conta a mulher, pés descalços, touca de meia fina, preta, amarrada no cabelo. Até terça-feira, só havia conseguido juntar R\$ 5. A passagem para Irecê custa R\$ 56. Os dois filhos, ela também esconde. "Não posso contar onde é,

mas estão guardados numa construção abandonada." Foi para mesmo local que ela levou os dois sacos de alimentos que ganhou. "O governo, quando vem, derruba e leva tudo."

A Secretaria da Criança e Assistência Social não tem estatística que mostre o aumento de migração para Brasília no final do ano. Mas esse fluxo é reconhecido pelo governo. O secretário Gustavo Ribeiro, no entanto, acredita que dezembro de 1999 exibiu número menor de famílias indigentes nos gramados do Plano Piloto. "Só quem nunca andou pela cidade em anos anteriores não percebeu isso."

Essa redução, segundo ele, teria sido provocada pela política de recolhimento das crianças expostas ao relento. O diretor do

Centro de Apoio Social (CAS) também acredita nisso. "A operação esteve nas ruas até o dia 23 de dezembro e vai voltar. Não vamos deixar essa mendicância virar rotina", diz o capitão Antônio Joaquim de Souza. E quem está nas ruas, querendo passagem para deixar Brasília, vai ter de esperar.

O capitão avisa que não há recursos para liberar imediatamente passagens para essas pessoas. "Só a partir de janeiro", prevê o diretor do CAS. E nem todos os migrantes terão direito ao benefício. "Não vamos permitir que façam do GDF uma agência de turismo." Migrantes que estão na cidade pela segunda vez e que receberam passagem ano passado não receberão ajuda para a viagem de volta. "A não ser que estejam com crianças."